



**CO FORMAÇÃO PELA DOCÊNCIA-PESQUISA E AS INTERFACES COM A  
DIVERSIDADE DE GÊNERO, RAÇA E SEXUALIDADES EM EXPERIÊNCIAS  
INVENTIVAS NO/DO DIFEBA**

***Eixo Temático GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE NO BRASIL***

Ana Lúcia Gomes da Silva <sup>1</sup>

Ramires Fonseca Silva <sup>2</sup>

Leandro Henrique do O Ponzi <sup>3</sup>

Nicélia Lima Alves dos Santos <sup>4</sup>

André Luiz de Araújo Lima <sup>5</sup>

**RESUMO**

Este texto narra experiências de formação docente na perspectiva da co formação, destacando a importância da orientação colaborativa, coletiva e horizontalizada, cartografando percursos de práticas de orientação. Enfatiza aprendizagens baseada na construção do ethos da confiança, com leitura e escrita entre pares. A abordagem cartográfica dialoga com a educação, a universidade e a vida, transcendendo os limites epistêmicos totalitários. Adota como dispositivo de produção de dados os diários de bordo da orientadora e orientandos/as, anotações e sínteses coletivas, contribuições no chat e gravações dos encontros de orientações. Como procedimento de análise assumiu-se a cartografia como mergulho na experiência dos sujeitos que fazem parte do grupo de orientação/discussão coletiva. Milita uma perspectiva de formação docente desgarrada de uma estrutura fixada em padrões institucionalizados geradores de hierarquias, que por sua vez, metrifica potencialidades. A formação pensada através da co-orientação na docência-pesquisa intenta agir fora do vácuo de uma ciência hegemônica que opera com os dados a posteriori. A experiência produzida no Grupo de pesquisa Difeba vivencia o labirinto do processo formativo dando ênfase aos acontecimentos do percurso e seus efeitos nas singularidades envolvidas. Habitando territórios pelos encontros coletivos de estudantes e docentes, identificamos nas narratividades os atravessamentos do gênero, raça e sexualidades, tomando a diversidade como princípio formativo, onto-epistemológico geramos outros sentidos de

<sup>1</sup> Doutora em Educação, Universidade Federal da Bahia-UFBA, [analucias12@gmail.com](mailto:analucias12@gmail.com);

<sup>2</sup> Doutor em Educação, Universidade do Estado da Bahia-UNEB, [ramiresfsilva@gmail.com](mailto:ramiresfsilva@gmail.com);

<sup>3</sup> Mestre em Educação e Diversidade, Universidade do Estado da Bahia-UNEB, [henriqueponzi@gmail.com](mailto:henriqueponzi@gmail.com)

<sup>4</sup> Mestranda em Educação e Diversidade, Universidade do Estado da Bahia-UNEB, [niceliasantos85@gmail.com](mailto:niceliasantos85@gmail.com)

<sup>5</sup> Mestre em Educação e Diversidade, Universidade do Estado da Bahia-UNEB, [andrelima743@gmail.com](mailto:andrelima743@gmail.com).



produção de conhecimento via experiencialidade inventiva. Os resultados emergentes apontaram para as potencialidades e lacunas desafiadas pelas relações de gênero, raça e sexualidades em que a timidez expressada pelos corpos, para apresentar seus textos, interroga a ausência do corpo na formação docente e suas intersecções com o gênero e as sexualidades. Destaca ainda a força da produção de outras epistemologias que nos oportuniza descolonizar os currículos, buscando a justiça curricular e epistêmica, a favor dos distintos modos de habitar a docência com seus gêneros, seus corpos e sexualidades.

**Palavras-chave:** Profissão Docente; Experiência; Orientação Coletiva; Gênero; Docência-Pesquisa.

### **Introdução - Contexto da experiência de pesquisa no PPGED/UNEB/ Difeba**

Começamos nossa escrita colaborativa com a epígrafe da mestra inspiradora bell hooks (2013), que subsidia nossas ações pedagógicas, das nossas rasuras, desobediências, cientes de que a academia realmente não é um paraíso e que lidar com as vaidades que ali se fincam, os guetos, a competição, é por demais desafiador, dá trabalho, e portanto, não vamos de modo ingênuo romantizar, mas sim, tematizar, problematizar, apostar nos espaços de possibilidades de criação, intervenção, riscos e produção de alianças. Em 2016<sup>6</sup> quando começamos a realizar as orientações coletivas, não tínhamos estudos sobre a filosofia da diferença, mas sem saber, ela já nos inspirava, porque defendemos uma comunidade científica de aprendizagens (CCA) pautada da horizontalidade, no *ethos* da confiança, na leitura e escrita entre pares, centralizando esforços para o bem comum na vida-formação fazendo parente com a educação, com a universidade, com a vida.

---

<sup>6</sup>Começamos a orientação colaborativa e coletiva inicialmente no Difeba, comigo, Ana Lúcia Gomes e Juliana Salvadori. Atualmente, outros docentes vinculados ao referido grupo, já começaram esta experiência, mas ela tem centralidade no Difeba nas reuniões gerais com as sessões de apresentação das pesquisas de todos/as todes. O Difeba é vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED) da Universidade do Estado da Bahia. Para saber mais: <https://www.mped.uneb.br/>. Acesso em 16 set. 2023.



O objetivo central deste texto, é narrar as experiências de formação docente sob a perspectiva da co formação, destacando a importância da orientação colaborativa e horizontalizada, cartografando itinerâncias de práticas de orientação coletiva através da escuta sensível dos sujeitos praticantes. A nossa experiência e defesa dos modos de orientar a pesquisa, a concebe centrada na construção do um *ethos* da confiança; da abertura para acolher os *feedbacks* não apenas da orientadora, mas do coletivo. Tomamos o método cartográfico como inspiração, como política da narratividade desta experiência institucional, em que transversalizar é quebrar hierarquias e papéis pré-estabelecidos.

Mas o que difere neste conjunto de pessoas em suas singularidades no grupo de pesquisa Diversidade, Discursos, Formação na Educação Básica e Superior (Difeba)<sup>7</sup>, como parte do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED), e suas relações com os temas de pesquisa em andamento, tomando a formação docente e os atravessamentos da diversidade pela diferença, como mote e linha motriz que atravessam todos os estudos investigativos das pesquisas em desenvolvimento de 2021 – 2023? Por que não somos uma turma, um grupo? Porque cada pessoa guarda em si, a diferença, a singularidade, por isso ao darmos aulas, realizarmos orientações, por exemplo, o fazemos, ou deveríamos fazer. Atentos/as a esta experiência em gestos, que marcam as diferenças e diversidade de cada sujeito, como intrínseco a ele.

### **Co formação docente pela docência-pesquisa e as interfaces com a diversidade**

Experenciemos o método para responder e explicitar nossa imersão nos diários de pesquisa, anotações no *chat*, gravações das orientações, destacando os modos colaborativos para selecionar, organizar e analisar os dados numa escrita que toma a experiência como formação de professores-pesquisadores, compreendendo-o como modo de narrar o que foi realizado ao longo deste estudo e escrita, destacando que o

<sup>7</sup>O Difeba se articula em duas linhas, a saber: linha 1: Contextos de diversidade, formação, práticas pedagógicas e discursivas. Linha 2, Diversidade, Educação e Multiprofissionalidade. Para saber mais ver: difeba.uneb.br. Acesso em 25 set.2023.



mesmo se caracteriza por suas três dimensões: epistemológica, filosófica e operativa (Ghedin, Franco, 2011), de modo não dicotômico e sim, como exercício do pensamento analítico, que não separa o pensar do fazer. A seguir alguns dos orientandos/as narram como percebem os afectos, perceptos e analisam como esta orientação coletiva e em co formação os/as atravessam e quais aprendizagens são produzidas.

Essa escrita é uma ótima oportunidade de falar um pouco sobre os processos de orientação com a professora Ana Lúcia no MPED. Uma relação de criação se efetiva a cada nova orientação, estas, (des)orientam para me deslocar do lugar de um professor de arte atento aos limites que a docência em artes impõe, buscando. Eu, André Lima, entre as conversas com a professora Ana Lúcia e também a professora Juliana Salvadori, no movimento de coorientação e co formação horizontalizada, leio, penso e escrevo subvertendo aos poucos e de início, sem perceber, diluindo a forma estratificada de um professor que se calava para obedecer, para um professor que se cala para co produzir com a alegria de um bebê que experimenta pela primeira vez um brinquedo. Estamos sendo, afinal, professores e professoras que subvertem os afectos tristes em potencialidades alegres em nossa formação?

Nos extratos narrativos do diário de pesquisa de Leandro Henrique Ponzi, ele destaca dois episódios a saber:

Nada me pareceu estranho em minha primeira experiência na orientação coletiva adotada pelo Grupo de Pesquisa Diversidade, Discursos, Formação na Educação Básica e Superior (Difeba), do qual sou membro e atualmente, integrante da secretaria do grupo. Ao entrar na sala de orientação na UNEB Campus IV, encontrei outros pesquisadores/as que assim como eu, se preparavam para compartilhar as inquietações, dúvidas e descobertas de seus respectivos projetos de pesquisa. Não pude deixar de me



surpreender com os diferentes estágios de formação. Naquela noite, estavam na mesma sala, uma pesquisadora estudante do ensino médio, um estudante pesquisador do curso de Direito e eu, mestrando em Educação e Diversidade, além da nossa orientadora, a professora Ana Lúcia, que, tratou em poucos minutos de envolver todos/as/es os/os participantes no projeto do outro. Naquele primeiro encontro, percebi como em processos de criação coletiva que acontecem em alguns processos teatrais e não suspeitava que essa experiência poderia acontecer numa produção acadêmica, que na maior parte dos casos, opera na produção de uma experiência solitária e angustiante. Ao sair da orientação, naquela noite, me senti estranho ao meu próprio projeto de pesquisa, mas satisfeito pelo desafio de poder fazer do processo de pesquisa um caminho que se caminha junto e aberto a novas veredas. Era dia 30 do mês de abril de 2023.

[...]

No dia 23 de maio deste ano corrente, ocorreu o Congresso de Extensão Universitária da UNEB, na cidade de Seabra. Fiquei de ir no carro oficial da universidade com mais quatro pessoas e para minha surpresa, uma delas era a minha orientadora. Vivenciei a experiência de uma Universidade Pública viva e potente, uma pluriversidade, tão diversa quantos os sujeitos que nela habitam e produzem conhecimento implicado e engajado com a vida. Na entrada do hotel, andando na rua, sentados nas escadarias da biblioteca pública, nas salas de aula da UNEB Seabra, íamos articulando pequenas paradas para compreender o projeto, o nosso projeto de pesquisa. Fiz registros de áudios das falas da orientadora, como se fosse a última gravação de *Krapp*<sup>8</sup>.

Teorizamos, praticamos e idealizamos uma orientação em co autoria, humanizada, na qual não importa o nível de titulações, cada orientando(a) através da leitura atenta ao texto do colega contribui a partir do seu lugar, do seu olhar, uma

---

<sup>8</sup>A última gravação de Krapp (Krapp's last tape) teve sua estreia em outubro de 1958, no Great Britain Royal Theatre. O diretor foi Donald McWhinnie e o ator Patrick Magee. Beckett afirmou que a ideia da peça surgiu enquanto ele ouvia a voz deste ator na peça radiofônica *All that fall*. Ele disse que a voz era a mesma que ele ouvia enquanto escrevia, por isso resolveu escrever uma peça para este ator, chamada a princípio de *Magee monologue*, e que se tornou A última gravação de *Krapp*.



pergunta, uma dúvida, uma inquietação, desde que apresente contribuições na escrita de relatos de experiência de IC, TCC, dissertação ou tese. Já tinha um certo contato com essa parceria, mas quando o assunto foi a orientação para o TCC, no início não foi um movimento fácil, houve um estranhamento, pois rompe com o padrão de escrita individualista que já conhecemos, confesso que tinha muita vergonha de "me expor", ler o texto do colega tudo bem, mas contribuir? Como eu, aluna da graduação, vou contribuir em uma dissertação ou tese? Há sim, uma docente que organiza as orientações, cronograma, atua numa corresponsabilidade responsiva bakhtiniana, pois, nossa orientadora no grupo, nos mostra por uma prática pedagógica interrogada como ato responsivo, conceito cunhado por Mikhail Bakhtin (2010) em sua obra intitulada: "Para uma filosofia do ato responsável", que implica no agir como uma resposta responsável dada pelo sujeito que o coloca frente à alteridade. Deste modo, a corresponsabilidade responsiva de docentes e estudantes implica "[...] uma concepção de didática que requer uma resposta responsável e não indiferente aos sujeitos a quem o ensino se dirige. E por isto mesmo, nos convoca a corresponsabilidade, num processo em rede de apoio entre pares.

Ramires Fonseca de modo sintético destaca que o processo formativo apresentado é um pulsar cartográfico, uma certa aderência com dimensões empíricas não capturadas pelos dispositivos instituídos, que elevam possibilidades da qualidade no percurso, haja vista multiplicidades de situações aprendentes são germinadas nas relações formativas, sobretudo, nas unidades escolares em que os(as) estudantes/pesquisadores(as) atuam. O inusitado, o estranhamento, a cena que exige uma posicionalidade são arranjos situacionais que oferecem aos(as) estudantes possibilidades de ações pedagógicas não descritas anteriormente, e isso submete a inventividade de atitudes, a invenção de realidades a partir das próprias idiossincrasias estudantis e seu contexto. O pensar-agir surge da necessidade estabelecida durante a processualidade.



Os extratos das narrativas, apontam pistas que dialogam com o que Simone Berle e Walter Kohan (2019) nos convocam a fazer: problematizar o lugar dos corpos na educação, e mais precisamente nas aulas, na educação básica, na universidade, investindo em práticas pedagógicas inspiradas nas pedagogias feministas que desobedeçam a padrões que nos fixam e nos silenciam, disciplinam corpos e mentes. Fazer da pesquisa e do ato de pesquisar, nos convoca para estudos que fazem parte da universidade com as nossas vidas, constituídas nos encontros com/no coletivo, buscando outras formas de exercer o poder no seu jogo de forças, desenhando e narrando os caminhos por onde temos passado.

Das orientações nasceram modos de leitura, formas de entender a profissão docente, maneiras e estratégias de escrita cartográfica, invenções e saltos para experienciar o experimental, aquilo que, mesmo ainda composto pelo imprevisto, pelo medo e pelo desperdício da experiência, torna-se robusto o suficiente para produzir um corpo de pesquisa que não apenas se alinha aos problemas contemporâneos da educação, mas também anuncia um porvir, mesmo delirante, precário e por vezes febril e fervilhante, sobre o que virá diferir em nossa formação docente que irá rasgar mais uma vez nossas certezas e temores para produzir novas professoralidades em devires, como marca, traço singular, proposto por Pereira (2016).

## **Conclusões**

Dentre as linhas motrizes que emergiram ao longo do estudo destas experiências destacamos que merece destaque muitas vezes o silenciamento de alguns colegas diante dos temas de pesquisa apresentados, contentando-se em apenas elogiar e reiterar a relevância. Dentre os principais resultados advindos da experiência em gestos, produzida no Difeba, foi apostando na não hierarquia, mas na cartografia das linhas e deslocamentos nas experiências que se compõem com o real.



As pesquisas que vêm sendo desenvolvidas de 2021 a 2023, totalizam 11 através das orientações coletivas sob a responsabilidade da professora Ana Lúcia Gomes e seus intercessores, cujas temáticas deslizam sobre os conceitos-chave das professoralidades na interface com os corpos e suas corpografias, nas intersecções de gênero, raça, sexualidades, deficiências e como estas operam opressões distintas e interpelam os/as docentes em formação tanto inicial quanto em exercício no desenvolvimento profissional docente, tanto na educação básica como na universidade.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. 159 p.

BERLE, S.; KOHAN, W. O. Quando um grupo de estudos escreve: o Nefi (Proped/Uerj) e a escrita de si. *In.*: **Escritas de Si**: escuta, cartas e formação inventiva de professores. DIAS, R.O.; RODRIGUES, H.B.C. (Orgs). 1ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões de método na construção da pesquisa em Educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da Professoralidade**: um estudo crítico sobre a formação do professor. Editora da UFSM, 2016. 248p.